

O CHRISTÃO

Nós pregamos a Christo.

1^a Epist. aos Coríntios cap. I, v. 23

Redacção:

71 — Rua Sete de Setembro — 71

RIO DE JANEIRO.

REDACTORES DIVERSOS.

Publicação mensal.

Assignatura annual 2\$000

ADIANTADOS.

Principia em qualquer mez mas finda em Dezembro.

ANNO III

Rio de Janeiro, Janeiro de 1894.

NUM. 25

EXPEDIENTE

Tendo encetado com o presente numero, o 3º anno da existencia do nosso jornalsinho, distribuimolo como *specimen*, rogando a todos que não desejarem assignal-o, o obsequio de devolvê-lo à redacção.

Aos que desejarem porém ajudar-nos com as suas assignaturas ou com qualquer donativo, pedimos o favor de entenderem-se c/ m os nossos agentes, abaixo mencionados.

Aos nossos assignantes do anno passado rogamos encarecidamente o obsequio de renovarem, em tempo, as suas assignaturas, se lhes tem agradado a norma de conducta do *Christão* e se desejarem a sua manutenção e principalmente a sua propagação no presente anno, como órgão religioso. Nos confessamos gratos áquelles que nos tem dispensado suas atenções até a presente data; e solicitamos o maior numero possível de leitores entre os nossos irmãos em Christo; e por isso aquelles que não puderem satisfazer a importancia da assignatura, receberão GRATIS o jornal, mediante um pedido a algum dos nossos agentes.

Attenção

Todos os artigos que não se conformarem com o programa adoptado pelo nosso jornal, não serão aceitos, e, se por qualqner consideração os publicarmos, irão para a secção — Apedidos.

A redacção não é solidaria com as opiniões emitidas nas publicações apedidos; e reserva-se o direito de aceitar ou recusar os originais.

São agentes do *Christão*:

No Rio de Janeiro — Os Srs. Nicolau Soares do Couto, João M. G. dos Santos e J. L. Fernandes Braga Junior.

Em São Paulo — O Sr. Mário Cerqueira Leite.

Em Nictheroy — O Sr. A. V. de Andrade.

Em Pernambuco — O Sr. M. S. Andrade.

Em Ubatuba — O Sr. José de Azevedo Grajá.

“O CHRISTÃO”

Rio, Janeiro de 1894.

Saude, felicidade e paz em Deus.

Entramos com esse numero no nosso terceiro anno de existencia, e, pela terceira vez, viemos, destas columnas, saudar os nossos leitores.

E' com extraordinario júbilo que o fazemos, pois que o espaço de um bienio é já uma vida bem longa para um periodico Evangelico, nesta terra em que é tão insignificante o interesse do povo pelas causas da religião; e demonstra isso a feliz acceitação que tem tido a nossa folha.

Manteremos, como sempre, o programma de conducta, que adoptamos no inicio da folha, e que nos tem valido aplausos e demonstrações de amizade — a mais estricta imparcialidade na apreciação dos factos, sem offensas pessoaes, e neutralidade a mais completa de quaesquer ramificações da Igreja de Christo, e dos seus modos de proceder.

E' certo que isto nos traz algumas vezes grandes dificuldades e amofinações; nos consolando porém a approvação da consciencia no cumprimento do dever.

No mais, combate sem treguas, aos inimigos de Christo — o mundo o diabo e a carne, — em todas as modalidades que apresentam e em que se disfarçam para tentarem o homem e perderem-lhe a alma; as nos-sas armas de combate estão na Palavra de Deus.

Ao encetarmos, portanto, este terceiro anno de existencia, esperamos continuar a merecer a acceitação que até aqui nos tem dispensado os nossos leitores, e fazemos votos sinceros a Deus para que a palavra semeada por este jornalzinho caia em terreno onde possa crescer e produzir muito fructo, e não ficar estacionaria ou improductiva.

Que o anno que começa agora seja de muita felicidade e paz para todos os servos de Deus; que o progresso do Evangelho de Christo se torne extraordinario por todo o Brazil; e finalmente que Deus conceda paz e prosperidade a esta Patria que todos amamos.

São os nossos votos.

Parabola da folha cahida

PELO REV. ISAAC L. KIP.

Ha certa correspondencia entre o material e o espiritual, e n'essa virtude, acha-se analogia entre as variadas phases e experiencias da vida interior e o grande symbolismo do mundo exterior. Tendo isto em conta o grande Mestre, nos instrue por meio de parabolas, exaltando o horizonte das nossas limitadas facultades com a applicação espiritual que dâ ás coisas sujeitas ao dominio dos nossos sentidos.

Dão assumpto para uma parabola as folhas que cahem arrancadas da arvore pelos ventos do outono; espalhadas pelo nosso caminho e rangendo sob a pressão das nossas pisadas com as suas confusas vozes prégam a lei universal da decadencia. A' vista desta folha secca e quebradiça, nos vêmos irresistivelmente compellidos a trazer á nossa memoria a verdade tantas vezes repetida de que tudo o que existe neste mundo tem que passar, pois é natural que o que é mortal pereça.

Esta folha cahida e murcha é uma parabola da mortalidade. E' mais que um mero emblema: E' o sello do cumprimento da comminacão fulminada contra o homem. E' um testemunho da nossa participação do que caracterisa o mundo material; da parte que nos corresponde nas obrigações impostas pela natureza, e do tributo que temos a pagar-lhe como todos os seres existentes. Algumas folhas duram mais tempo que outras; são mais precoce na primavera, aferram-se á arvore com mais tenacidade e perdem menos facilmente a sua côr depois de cahidas, porém tarde ou cedo acabam sempre por secar. Isto mesmo sucede connosco.

A folha cahida é uma parabola da obra concluida, da missão já desempenhada. Por familiar que a folha nos seja, e por simples que a sua estructura possa parecer-nos, segundo a nossa maneira de aprecial-a, ocupa comodo, um logar proeminente entre a innumeravel haste de testemunhas que apregoam a gloria do Creador.

Toma e usa os elementos constituintes da atmosphera, assimila-os e apropria-os a manutenencia e desenvolvimento da arvore, ao mesmo tempo que facilita a evaporação da seiva sobrante, não deixando mais do que a necessaria para a vida do vegetal. D'esta maneira desempenha na arvore ou em outra planta qualquer as funcões de orgão de respiração, de digestão e ainda de transpiração. E não se limita a isto a sua missão. Occupada constantemente no desencargo das suas funcões peculiares, durante a sua breve vida, vai mais além do circulo de actividade que na apparencia lhe é proprio e entra n'um campo mais vasto de utilidades. Os povos por meio das quaes absorve o ar e alimento, tomando o da atmosphera que rodeia a arvore servem-lhe tambem para purificar o ar, mantendo assim o equilibrio da natureza visto que as substancias apropriadas para o sustento e crescimento do vegetal, são venenosas e mortiferas para a yida animal.

Porém ha ainda outra parabola derivada d'esta fiel testemunha da sabedoria da natureza. E' uma

voz tremula de alegria e de triumpho que tirando partido da morte e da decadencia, dá emphase á lei da restauração e comprova a nossa immortalidade.

Quando a folha verde tem perdido a sua côr e murchedeo; quando os ventos outonais sopram frios e violentos, a base do pedicolo debilita-se e a folha cae por terra; mas comodo, isto não é morte O levado pelo ar, é só a materia murcha da folha. O principio vital fica subsistindo na arvore, pois se tem refugiado nos ramos, no tronco, na raiz, na seiva. Fica em pé a obra effectuada pelo verão, e o thesouro accumulado não se tem perdido. E quando as tempestades invernaes passam rugindo enfurecidas por entre os galhos nús; quando os banham e colrem o gelo e a neve, continua não obstante dentro da arvore um trabalho que tem por fim preparar a volta da primavera, chegada a qual a folha se verá reproduzida com igual belleza e louçania, reassumindo as importantes funcões que lhe são designadas.

Esta analogia nos dá uma proveitosa lição. Todos nós seccamos como a folha. Não ha ninguem que possa subtrahir-se a essa lei universal da decadencia. O tempo effectua mudanças bem tristes por certo. As esperanças, sonhos e illusões dissipam-se e produzem um inverno espantoso no coração. Toda a nossa vida, está cheia dos mais dolorosos desencantos; porém, que tem isso? A luz e a alegria renascem logo na nossa alma. Quem pôde pintar os gozos indiziveis e as aptidões gloriosas se se acham como em embrião no intimo da nossa vida espiritual? Ha uma aurora de perpetuo brillantismo e formosura, luzindo sempre sobre a alma que foi levada á vida e á immortalidade por Jesus Christo.

A uma alma assim, sucede o mesmo que á folha. O que n'ella se murcha e lhe é arrebatado, lhe será breve restituído em perfeita e cabal compensação, quando virmos que as penalidades da nossa vida actual, não passam de ser ligeros contra-templos, postas em comparação com a gloria que devemos esperar. Podemos encontrar pezares onde esperavamos achar grandes alegrias, e amargas dôres ao procurar prazeres. A vida nem sempre é como nol-a figuramos; porém tudo o que nella nos acontece, não é mais que parte de um plano divino formado para levar-nos ao desejado fim. Bem podemos tender para seres amados no tumulo. A prasenteira promessa da restauração, alumia a obscuridade que os envolve. Alli os depositamos para passar o inverno; voitaremos a vél-os na "eterna primavera," quando os fulgores da belleza immortal luzirem sobre nós e sobre elles.

Nós todos seccamos como a folha; porém ha um ser cujo poder conquistador tem triumphado para sempre sobre o peccado e sobre todos os seus effeiitos. A Elle tem conferido o Pae o principio restaurador. A fé nos une a Elle, e porque Elle vive, nós viveremos tambem.

A nossa decadencia, pois, é só germinação; é o grão de trigo que não deixa de dar fructo senão quando morre, e assim não ha razão para que nos lamentemos de que as estações e os annos passem de uma maneira tão veloz. O que temos em perspectiva, é sempre melhor que o que deixamos atraz. Vêmo-nos compellidos ao ir para aquelle asylo que

fecha as suas portas, a toda a pena, a toda a infelicidade.

Quando o halito da morte empana o semblante do homem, e com o seu frio glacial enerva e paralisa a sua energia, não faz senão apartar aquillo que concluiu a sua missão e já não é necessário. Christo disse: "Todo o que vive e crê em mim, não morrerá eternamente." (S. João XI, 26).

A. CAMPOS.

Pobre Hespanha !

Um Evangelista na Hespanha, Don Alexander, foi condenado pela Corte em Gerona a sofrer prisão por 3 annos, 6 meses e 21 dias, e tambem a pagar as custas do processo, por declarar em um jornal, que a hostia não é o corpo de Christo, e que não deve ser adorada com tal.

E' a Hespanha Catholica que assim persegue e condena aos que adorão o verdadeiro Christo, cujo corpo está no céo e não em uma hostia de farinha! ...

O corpo de Christo foi uma só vez offerecido em sacrifício na cruz do Calvario, por nossos peccados.

As hostias que os Padres Romanos offerecem todos os dias não são o corpo de Christo, nem podem tirar peccados. As palavras do Apostolo S. Paulo são claras e terminantes a este respeito, elle diz :

"Somos santificados pela offrenda do corpo de Jesus Christo feita uma vez."

"E assim todo o sacerdote se apresenta cada dia a exercer o seu ministerio, e a offerecer muitas vezes as mesmas hostias que nunca podem tirar os peccados, mas este, (Jesus Christo) havendo offerecido uma só hostia pelos peccados, está assentado para sempre á dextra de Deus. Porque com uma só offrenda fez perfeitos para sempre aos que tem santificado. Onde ha remissão destes (os peccados) não é já necessaria offrenda pelo peccado.—Hebreos, IO v 10 a 18."

QUADROS BIBLICOS

VI

A FILHA DE JEFTHE

E' linda e formosa, entre as mais lindas, a filha unica de Jefthe, guerreiro de Israel.

Elle, filho bastardo de numerosa e illustre familia, expulso por isso da casa paterna, pelos irmãos, ciosos da sua honra, refugiara-se entre os mattos seculares do paiz de Tob e ahi se constituirá chefe de temerosa quadrilha de guerreiros salteadores.

Sem chefe de valor, o povo d'Israel soffria então, reagindo de balde, as investidas e os saques do inimigo e lembrando-se agora, n'aquelle aperto, do seu compatriota foragido a elle recorreram. Em vão quiz o chefe recusar, lembrando-lhes a affronta soffrida; e a tanta instancia do povo, cedeu enfim, esquecendo as magôas padecidas, e tomou o comando das tropas do povo hebreu.

E ao despedir-se do lar querido, beijando saudoso a filha bem-amada, ancioso pela victoria já prevista jurou perante os céus — que de sua numerosa casa, sacrificaria no altar de Deus a primeira pessoa que lhe sahisse ao encontro á saudal-o, quando elle voltasse victorioso sobre os filhos de Ammon e cheio de honras e gloria!

Fatal juramento! ...

Passam-se tempos, e ao tornar á casa, triunfante e glorioso, o intrepido guerreiro de Judá, por entre as acclamações delirantes da turba popular, sae-lhe ao encontro, radioso de ventura por vel-o tornar sâo e salvo, a filha estremecida! ...

Lance angustioso e commovente!

Surge-lhe á memoria o terrível juramento já esquecido, e, como em um sonho, se esvalem a gloria, os triunfos da campanha, a alegria, e tudo quanto lhe pudera adoçar a vida.

De que lhe valem as acclamações delirantes do povo? Que merecimento áquellas tantas victorias immorredoras?

Ao avistal-a, correndo para elle, dansando alegremente ao som dos pandeiros e das cytharas, rompe desvairado, as vestes principescas e exclama na dôr extraordinaria de um desespero inaudito : "Desgraçado de mim, filha minha! que me enganaste e te enganaste a ti mesma!"

Que dôr immensa neste brado de agonia!

"Desgraçado de mim! filha minha, que m'enganaste! Com a tua presença sumiu-se toda a felicidade sonhada toda a glória do poder! Desgraçado de mim! que te enganaste a ti mesma! pois julgando-te mensageira da alegria, o foste da desgraça. Anciosa por manifestar-me a tua immensa ventura, douda de saudade, correste, primeira que todos, presurosa a te lançar nos braços de teu pai! ... E assim trouxeste, inconsciente e ingenua, em vez da ventura e do regozijo, o golpe mais terrivel, mais desolador e profundo ao coração de teu desgraçado, embora victorioso pai!"

Que tremenda apotheose triumphal para o glorioso guerreiro de Israel, coberto pelos louros de mil victorias... .

Gloria, poder, fama, riquezas, felicidade, tudo desapareceu ante a obrigação formal d'aquelle terrível juramento — immolar no altar de Deus a filha unica do seu coração, inocente e pura! Tingir as mãos victoriosas, já tintas no sangue de seus cruéis inimigos, tingil-as de novo, no sangue vaginal de sua filha sacrificada!

Extraordinario sacrificio! ...

Como desejou então ter sido derrotado, mil vezes derrotado vergonhosamente pelos seus inimigos, a vencel-os á custa de tamango sacrificio!

Bem caro pagou as corôas e laureis da victoria!

Oh! quanto não daria para livrar-se dessa situação terrivel!

Porém a abnegação sublime de sua filha unica móderou-lhe a dolorosa angustia.

"Meu pai, se déste tua palavra ao Senhor, dispõe de mim como prometeste, pois que Elle te concedeu a victoria sobre teus inimigos. Concede-me apenas o espaço de douz mezes, para chorar pelos montes, com as minhas companheiras, a minha virgindade! ...

"Vai! filha estremecida! pelos bosques sombrios desses montes, chôra, desesperada e triste, as ilusões cortadas brutalmente ao despertar d'aurora da juventude! Vai! rega com teu pranto virginal e casto as plantas da floresta onde cantam os passarinhos que te ouvem chorar a felicidade fugitiva! Mistura as tuas lagrimas sentidas ás lagrimas scintillantes do orvalho celeste; e os echos plangetes da montanha repitam os soluços amargurados do teu pranto! . . .

E durante douz mezes, viram-se sombras soluçantes pela espessura sombria dos bosques verdejantes — eram as formosas donzelas d'Israel deplorando a sorte cruel da filha unica de Jefthe, guerreiro de Judá, linda entre as mais lindas, flor mimosa e pura, votada á morte...

E, durante douz mezes ouviram-se os echos plangetes da montanha repetindo os soluços amargurados desse pranto...

Consumou-se, então, o horrendo sacrifício.
Janeiro de 1894.

N. S. C.

RELAÇÃO DOS CHRISTÃOS COM O GOVERNO

(JAMES SPRUNT)

"Elles não são do mundo, como eu não sou do mundo," foi a descrição que o Senhor deu de seus discípulos. A mesma verdade se estende a todos os crentes hoje. Ao mesmo tempo, temos deveres relativos no mundo, e devemos procurar attendel-os de modo que possamos glorificar a Deus. Qual a conducta do Christão quanto ao governo deste mundo? A resposta a essa pergunta acharemos em Rom. 13: 1 — 17, que vamos agora considerar.

1º *Toda a alma esteja sujeita aos poderes superiores.* As Escrituras falam dos filhos de Deus como áquelle que são "cidadãos do céu," e que estão agora sentados juntamente com Christo em lugares celestes. "Neste mundo elles são estrangeiros e peregrinos." Porém enquanto estão aqui elles devem ser testemunhas de Deus. Não devem pois haver insubordinação ás autoridades que estão sobre elles. As palavras "toda a alma," são mui comprehensivas. Não são sómente os santos (os crentes) que devem ser sujeitos ás autoridades. Todos devem ser.

Além disso não é a uma mesma forma de governo que somos chamados a estar sujeitos, mas a todas as autoridades superiores em qualquer paiz em que estejamos. Quando o apostolo escrevia a Tito julgou necessário exhortá-lo para que lembrasse aos christãos que elles deviam ser sujeitos aos "principados e potestades" e obedecer aos magistrados. E não é necessário lembrar nestes dias ao povo de Deus que o Senhor espera que seus filhos se submettam a toda a ordenação do homem por amor do Senhor, quer seja ao rei como superior, ou aos governadores, como áquelle que são mandados por Elle para castigo dos malfeiteiros, e para louvor daquelle que fazem bem.

2º. *Porque não ha poder senão de Deus; e os poderes que ha são ordenados por Deus.* As autoridades existentes, qualquer que ellas sejam, são ordenadas de Deus. Tudo é de Deus para o governo deste mundo, e todos os que têm sido collocados em autoridade são responsaveis a Deus directamente pelo poder que elles possuem. Isto é verdade a respeito de qualquer forma de governo, quer seja monarchico ou republicano ou qualquer outro. Adam Clarke diz: "Como Deus é a origem do poder, e o Supremo Governador do Universo, Elle delega autoridade a quem quer que Elle lhe apraz; e ainda que em muitos casos o governador mesmo possa não ser de Deus, contudo o governo civil é d'Elle." Que o Senhor Jesus quando estava na terra reconheceu essa verdade, é claro de Matt. 21: 15-22; e tambem das palavras faladas por Elle a Pilatos: "Tu não terias poder algum contra mim, si não te fosse dado lá de cima." Os reis reinam e os principes decretam justiça por Aquelle que sómente pôde dizer: "O conselho é meu e a sá sabedoria: Eu sou o entendimento, Eu tenho a força."

3º. *Quem resiste ao poder, resiste á ordenação de Deus.* O Christão pôde, por uma causa ou outra ter alguma objecção contra o poder, mas não deve resistir. Elle deve "reconhecer aquelle que está no poder como um facto, confiando em Deus quanto ás consequencias." Tem-se dito que "áquelle que se rebella contra seu principe é um rebelde a seu Deus," e em certo sentido, isso é verdade. O que nosso Deus deseja de nós é que "em simplicidade e sinceridade de Deus, não com sabedoria carnal, porém pela graça de Deus, tenhamos nossa conducta no mundo," como convém ao Evangelho de Christo. "Quando nos arredamos desta simplicidade de Deus" achamo-nos por nossa sabedoria carnal opposto ás causas de Deus. E é a isso que nós estamos tão expostos nestes tempos de excitações políticas. Precizamos ter em memoria as palavras de aviso: "Aquelle que resiste á ordenação de Deus receberão condenação isto é, juizo de Deus, que constituiu a autoridade.

Os dias que atravessamos são de certo modo, dias de perplexidade, porém nós olhamos alegremente para diante para aquelle tempo quando o Principe dos reis da terra ocupará a séde do governo e reinará como um Sacerdote sobre o seu trono, ante a face do Altissimo. Então Elle, como "Governador entre as nações regerá em justiça e fidelidade. Até que esse dia feliz venha, nós devemos buscar, como deante de Deus, ser servos antigos para o estado em tudo aquillo que podemos manter nossa alliance a Christo, e manifestar Seu nome e Sua graça aos homens."

O QUE E' A IGREJA?

Continuação do n. 24

2º Deixa-me passar agora ao segundo ponto.

Quero explicar-vos qual a posição e valor de todas as igrejas visiveis. Ninguem, que leia a Bíblia com attenção, deixará de observar que se falla de diferentes igrejas no Novo Testamento: a de Corinثio, a de Epheso, a de Thessalonica, a de

Smyrna, a de Sardis, a de Laodicéa e outras muitas — em cada uma delas achamos uma corporação diferente de cristãos professos, — isto é, uma corporação de pessoas baptizadas em nome de Christo, e professando a fé do Evangelho. Vemos que se falla destas corporações como das igrejas destes logares.

Assim S. Paulo diz aos Corinthios “mas nós não temos tal costume, nem a Igreja de Christo” (1^a. Cor. 11 v 16).

Tambem se falla das igrejas da Judéa, da Syria, da Galacia, das igrejas da Asia e da Macedonia. De cada uma delas se falla como d'uma corporação de cristãos baptizados nestes paizes.

Pouco nos diz o Novo Testamento com respeito a estas igrejas; — porém esse pouco é claro bastante.

Sabemos que estas igrejas eram mixtas. Não consistiam só de convertidos. Havia não sómente crentes, mas membros que cahiam em grandes pecados e erros, tanto em pontos de fé como obras. Isto está bem claro no que vemos escrito com respeito ás igrejas de Corintho, Epheso e Sardis, o Senhor mesmo diz, que havia “alguns” sómente alguns, “que não tinham contaminado os seus vestidos” (Apoc. 3 v 4).

Sabemos que mesmo em tempo dos apostolos as igrejas eram avisadas de que podiam ser destruidas. O aviso aos Romanos é: “D'outra maneira, também tu serás cortado;” á de Epheso, que, “o seu candieiro seria movido do seu lugar, se não se arpendesse.” A' de Laodicéa, que “seria rejeitada.” (Rom. 11 v 22; Apoc. 2 v 5; c. 3 v 16).

Sabemos que em todas estas igrejas havia culto publico, pregação e leitura das Escripturas Sagradas, oração, louvor, ordem, governo, ministro e sacramento. Que especie de governo tinham algumas destas igrejas, não podemos dizer. Vemos claramente que tinham empregados a quem chavam anjos, bispos, diaconos, pastores, mestres, ajudantes e governadores (1^a. Cor. 12 v 28; Ephes. 4 v 11; Phil. 1 v 1; 1^a. Tim. 3; Apoc. 1 v 20).

Todos estes nomes são mencionados, mas não temos explicações com respeito á maior parte desses mistérios. Com respeito á doutrina e governo das igrejas temos uma explicação distinta e completa. Sobre estes pontos o Novo Testamento é claro bastante. Porém, com respeito ao governo e ceremonias, temos poucos esclarecimentos.

O contraste que ha entre as igrejas do Velho e do Novo Testamento com respeito a este ponto é muito grande. N'uma encontramos pouco com respeito á doutrina, mas muito com respeito ás ceremonias e regras; n'outra, pelo contrario, temos muita explicação com respeito á doutrina, e pouca para as ceremonias. No Velho Testamento dão-se as direcções mais minuciosas com respeito ao modo porque deviam ser feitas todas as partes das ceremonias religiosas na igreja.

No Novo Testamento achamos as ceremonias completamente abolidas, por não haver mais necessidade d'ellas depois da morte de Christo, e nada agora suppre o seu lugar a não serem alguns principios ou regras geraes.

As igrejas do Novo Testamento parecem não precisarem do livro de Levítico. Os seus dou-

principios mais importantes parecem ser, “faça-se tudo com decencia, e com ordem, — faça-se isto para edificação” (1^a. Cor. 15 v 26, 40). Porém, com respeito ao uso destes principios ou regras geraes, parece ter sido deixado a cada igreja em particular para decidir.

(Continua.)

CÁ POR CASA...

I. Orações

Algumas pessoas têm o costume de fazer grandes e extensas orações no seio da congregação, sem se lembrarem da occasião. Isto já é assumpto muito batido, porém, não faz mal fallar mais uma vez sómente.

Os ouvintes, ao principio, prestam attenção ás palavras do que ora, depois, á medida que este se prolonga, começam a distrahir-se, a pensar em outros assumptos muito diversos do presente, e desejam que termine logo a oração, para sentarem-se pois cada vez se cansam mais da posição forçada em que estam — de pé ou ajoelhados. O espirito do assistente tambem cansa-se com a attenção prolongada, e não tira proveito do que ouve.

Que uma pessoa ore longamente em particular, ou mesmo no seio da sua familia, admite-se; porém, em publico, não o deve fazer.

Vem á propósito um caso da minha reminiscencia infantil.

Havia na Igreja, um irmão crente fervoroso, mas longo-orador. Um dia, no meio da oração, um assistente, não sei se crente ou profano, já cançado, aproveitando uma pausa, disse em voz alta — “Amen!” Mas a oração continuou; e quanto mais a oração se prolongava mais os amens se amu davam. E nada! Então, desesperado, o ouvinte exclamou: — Amen! Amen! e Amen!... “Oh! senhor estou aqui a lhe dizer Amen! ha uma porção de tempo e o Sr. sempre continuando!....”

Então, parou a oração. Aviso aos longo-oradores.

A beleza e a efficacia da oração não consistem na sua longa extensão, porém, sim na expressão da palavra, no ardor da fé que a dicta e na correccão necessaria e correcta das phrasas.

Em publico, não é qualquer crente que deve e pôde fazer oração.

Muitos fazem, com as suas orações, verdadeiros discursos, com os olhos fechados; no entanto, a oração deve se distinguir perfeitamente dos demais discursos pelo modo de fallar-se, que deve ser singelo e sem grandes floreios de rhetorica, pois que significa uma prece a Deus, e não uma allocução a ouvidos humanos.

Aquelle que ora longamente, leva a repetir uma porção de vezes, superfluamente, as mesmas phrasas, os mesmos pensamentos, sem proveito algum, tendo além disso a desvantagem de provocar cansaço e sonmo. Nos meus bons tempos, lembro-me bem, conheci alguns crentes assim; quando começava a oração estavam todos os ouvintes de pé; do meio para o fim, iam aos poucos se sentando; quando terminava, estavam de pé — o orador e mais 5 ou 6 pessoas.

Quando estas se sentavam, fazendo algum ruido, accordavam alguns que já tinham conciliado o sonno (eu, no meio delles) e, meio tontos, punham-se de pé, julgando, que se ia cantar ou fazer oração...

Desculpem-me pela caceteadão; vou terminar. As orações em publico devem ser feitas em voz alta e bem clara de modo que todos ouçam e comprehendam. Alguns oram, como se estivessem falando consigo mesmo; ninguem os ouve; só os mais próximos escutam quando elle diz *Amen*, então sentam-se e os demais seguem-lhes o exemplo.

Resumindo: — quem orar em publico, deve fazer uma oração breve, clara, concisa, em voz alta, sem ser gritada, sem rasgos de eloquencia e sem a monotonia de officio funébre.

Todos ouvirão attentos as palavras do que ora e ella será efficaz para os corações de muitos.

N.

ASSOCIAÇÃO CHRISTÃ DE MOCOS

DO

RIO DE JANEIRO

Rua da Assembléa 96, 1º andar

Ainda continua a revolta; ainda continua o transtorno da vida da capital: é ainda continua a quasi paralização do nosso trabalho. Quasi não nos animamos a registrar aqui o pequeno movimento do mez findo; fazemol-o, entretanto, a fim de que esta secção seja uma verdadeira historia da Associação. Frequentaram as salas de noite 191 moços, fazendo um termo medio por noite de 10. As reuniões de divertimento tiveram uma assistencia de 42 moços, ou 10 por noite. Houve oito aulas de Inglez durante o mez, com a assistencia de 5 socios, 58 moços assistiram ás reuniões de oração de Sexta-feira, cujo termo medio foi de 12. A's Conferencias Religiosas compareceram 170 moços, sendo 34 o termo medio por Domingo. Dirigiram a palavra nestas conferencias os nossos amigos, Rvd. A. A. Lino da Costa, Rvd. H. C. Tucker, Rvd. João M. G. dos Santos, Rvd. E. A. Tilly e o Secretario Geral. Aos pastores mencionados damos os nossos sinceros agradecimentos por tão valioso auxilio, e esperamos que dentro em breve tenhamos o prazer de ouvil-os outra vez.

No dia 8 do passado reuniu-se a Directoria pela primeira vez desde que começou a revolta. Foram aceitos como socios auxiliares os seguintes moços: Luiz Ferreira Barboza, sob proposta do socio Joaquim E. Ribeiro; Dr. R. P. Jackson, proposto pelo socio Raul Dunlop; José Teixeira Alves Jr., proposto pelo socio José Gonçalves Lima; e Romualdo Ferreira Rogerio, sob proposta do socio J. L. Fernandes Braga Jr. A todos estes damos a dextra de fraternidade. Outrosim resolueu a Directoria cele-

brar uma sessão solemne de installação, assim que acabar este estado de cousas e a cidade voltar á sua acostumada paz e sosiego.

Não podemos nos furtar ao desejo de noticiar a qui mais uma offerta valiosa do nosso prezado amigo, o socio J. L. Fernandes Braga Jr. É a assinatura por um anno do "The Graphic" de Londres, jornal noticioso e ilustrado. Publica-se semanalmente e traz noticias breves sobre os mais importantes acontecimentos de toda a parte do mundo; traz tambem bonitas gravuras para illustrar estes acontecimentos e photographias de homens celebres. O jornal está á disposição dos socios no Gabinete de Leitura. Tambem acha-se no Gabinete o "St. Louis Christian Advocate," jornal religioso de que é redactor o nosso amigo Rvd. W. B. Palmore que, como devem se lembrar os socios, nos dirigiu a palavra na noite em que se abriram pela primeira vez as nossas salas. Tambem nos obsequiou com uns exemplares de periodicos Ingleses religiosos para o Gabinete, o nosso amigo — M. C. Leite Rozas, residente em Londres. O mesmo Sr. nos remetterá gratuitamente o periodico inglez "Word and Work." Nossos agradecimentos a ambos.

Os jornais desta capital deram breves noticias do grande "Parlamento de Religiões" que teve logar em Chicago em conexão com a Exposição Columbiana. Um dia (6 de Outubro p. p.) foi dedicado a um Congresso das nossas associações. As circulares convocando este congresso foram assignadas pelos representantes das associações nos Estados Unidos, na Inglaterra, na França, na Alemanha, na Suissa, na India, no Japão, na Australia e em outro paizes. Presidiu a sessão o Sr. E. B. Monroe, presidente da Comissão Internacional. Depois de exercícios religiosos o Presidente da Exposição, o Sr. Bonney comprometou os delegados em nome da Directoria e manifestou a maior apreciação pelo trabalho das associações, no qual sempre se tinha interessado. Depois de uma resposta feita pelo Pres. Monroe agradecendo a gentileza da Directoria da Exposição em convocar esse congresso das associações, tomou a palavra o Rvd. J. M. Coulter, Presidente da Universidade de Lake Forest. Fallou sobre o trabalho que estas associações estão fazendo nos collegios e outras instituições de instrucção. O Sr. E. L. Shuey leu um artigo bem elaborado sobre o trabalho entre os operarios, fazendo menção especial das aulas, não sómente de artes como tambem de trabalho manual. O Sr. L. D. Wishard, que ha pouco voltou de uma viagem ao redor do mundo inteiro, pronunciou um discurso sobre o trabalho das associações que elle viu nos paizes estrangeiros, principalmente nos collegios de Japão, China e India. O Sr. Cephas Brainerd, que foi Presidente da Comissão Internacional em Nova York durante 25 annos, narrou em ligeiros traços a historia deste movimento desde o seu principio em 1844. O ultimo discurso, pelo Sr. C. M. Hobbs, Director de uma importante Estrada de Ferro, tractou deste trabalho, já bem desenvolvido, entre os empregados das Estradas de Ferro. Durante o dia tocaram-se telegrammas de

saudação entre o Congresso e o Sr. Geo. Williams de Londres, fundador da primeira associação. Ao meio dia serviu-se um lunch na Associação de Chicago. O congresso foi bem concorrido, notando-se a presença de representantes das associações de vários países. Ha de haver bons resultados do congresso, tornando a associação mais bem conhecida.

"Os Moços da India" é o nome do orgão das Associações daquela terra, que recebemos como permuta: o numero de Outubro traz, entre notícias de varias partes do mundo, a da organização da nossa humilde associação do Rio. As notícias de varias províncias da India são verdadeiramente animadoras e indicam que o trabalho naquelle imperio já está bem fundado. Fazem só 4 annos que o Sr. D. McConaughy foi mandado para aquele campo pela Comissão Internacional: a associação de Madras, de que é Secretario Geral este mesmo senhor, já conta 340 socios. Ha grandes associações tambem nas cidades de Bombay e Calcutta, além de muitas em cidades menores. A terceira Convenção Nacional destas associações estava para se reunir na cidade de Madura, do dia 26 até 31 de Dezembro p.p.

"L'Espérance" é o orgão das associações Francesas: acabamos de receber o numero de 15 de Novembro p.p., cujo primeiro artigo é um discurso, pronunciado perante a associação no dia 28 de Outubro pelo Intendente Geral, Mr. Raizon, intitulado "Pour les conscrits." Outros artigos são sobre a temperança, a protecção dos animaes e a educação popular, e patriotismo christão. Tambem traz notícias sobre o trabalho em varias cidades da França e da Suissa.

Uma carta ultimamente recebida de um amigo particular, professor no "Instituto Internacional" de Santiago, Chile, conta de um rapaz recentemente convertido no Instituto, (que é uma escola mantida pelos missionários estrangeiros) que ficou tão cheio da benção do Espírito Santo que não poude deixar de participar a sua alegria aos outros. Com um outro rapaz, já christão, resolveu formar uma sociedade para seu desenvolvimento na vida espiritual. Convidaram outros dois rapazes e estes quatro reuniram-se, e fundaram, sem previo conhecimento do nome da A. C. M., uma "Sociedad de Jóvenes Christianos" que é o nome da nossa associação em Hespanhol. Não admitem como socios senão moços cristãos e cada socio tem de prometter esforçar-se para a conversão de um rapaz incredulo durante o anno. Reunem-se diariamente para oração e estudo bíblico, e o seu numero já subiu até 7. Ha, diz o amigo na sua carta, uma grande mudança na vida no collegio: nota-se um espírito de seriedade entre os rapazes e o comportamento de todos melhorou muito, tornando-se o governo do instituto cincuenta por cento (50%) mais facil aos professores. Viva a "S. J. C." do Instituto International de Santiago! Oxalá que haja um movimento similar em nossos collegios evangelicos aqui no Brazil.

A ORAÇÃO

(Conclusão)

E' preciso notar que na mais desinteressada das amizades ha lugar á troca de bons officios, a dar e a receber. Comprehende-se o intercurso de uma amizade nobre e magnanima em que se peça auxilio, e auxilio efficaz. Que diremos, porém, dos que da amizade só tem a noção, que é um estado de tal intimidade e solidariedade que dá oportunidades de auxilio mutuo? Que diremos dos que só puderem contemplar a amizade por este lado, dos que não vivem que nada ha comparável ao amor, á confiança, a este mero render do coração no coração de outro?

Aquillo que trazia outro o meu coração, a minha alma, é uma dадiva mais preciosa do que qualquer cousa que a minha dextra pôde dar, ainda que seja nas emergencias de maior desespero: nem todas as moedas do mundo podem comprar esta espontaneidade sublime. Não ha tesouro como o da alma.

E isto é o que se vê quotidianamente. Uma flor tem de certo bem pouco valor intrinseco e entretanto quanto vale para nós quando symboliza alguma occasião solemne da vida! Como se torna sagrada quando representa a troca de promessas, e de aspirações!

Tudo isto vem a propósito quando nos lembrâmos da pergunta que fazem os incredulos e munidos: "De que serve orar? Pois ha quem creia que nos venha o pão, ou que não venha o cholera porque orámos para que não arrebente?"

Elles ignorão a natureza e o fim da Oração. Não concebem como a alma se possa, por assim dizer, levantar á presença de Deus, e abrir á sua inspiração sagrada todas as suas avenidas mais nobres; não concebem este pousar da benção divina sobre nós, este intercurso de confiança e amor, no qual os pedidos, as vantagens materiaes do mesmo intercurso nem são lembradas.

Demais, nem reparão estes incredulos que Deus tem seu methodo para as ministracões de sua Providencia. Podemos pedir-lhe: "Dá-nos o pão quotidiano," mas Deus pôde escolher este ou aquelle meio de nol-o dar. Na oração dominical os pedidos de cousas materiaes não são acompanhados de commentario algum. Nem se diz que nós, pedindo, não devamos tambem nos esforçar para obter as cousas pedidas.

De outro lado ha muita gente exagerada que sustenta que a prece é ouvida litteralmente e para proval-o citão-se casos em que supplicas repetidas têm sido deferidas. Um dirá que o Sr. Fulano estava quasi morrendo de fome quando orou para ter alimento e, eis que um carneiro foi-lhe entrando pela casa a dentro, e elle o comeu e matando o carneiro a fome. Outro devia e não sabia como pagar: orou e alguém lhe trouxe o dinheiro. E assim por diante.

Ora em tudo isto ha uma deturpação do que é a verdadeira Oração. Ninguem quereria um amigo que só se lembrasse da gente para pedir isto e aquillo.

A verdadeira Oração começa e acaba no Reino dos Céos: tudo o mais é vaporosa fantasia. Quem representa a Oração como consistindo nestes ele-

mentos mais baixos e perecíveis deshonra a Deus, degrada a alma e mostra ignorar a que altura esta se pôde elevar nestes momentos sublimes. A Oração é a comunhão com Deus, é a traslação e a transfiguração da alma ao Céu. Nem todos os diamantes e rubis do Tabernáculo valiam para Pedro, Thiago e João a hora em que viram os espíritos do Céo e conversaram com Christo, cuja face brilhava como o sol e cujo vestuário era branco como a luz.

Demais, ha outra consideração a fazer-se. Quantas vezes podemos nos ajoelhar perante o throno da Graça para pedirmos uma causa determinada e depois que derramamos a nossa alma em amor e gratidão e veneração e esperança nos esquecemos inteiramente do que vinhamos pedir! Os ventos do mais alto céo espalharam para muito longe nossas petições. Não ha mais motivo para ellas: a presença de Deus lez a alma conscientemente rica e ella não carece mais das misericordias manifestas que queria.

Orar, pois, não é tanto um acto determinado, uma ocupação, como é toda a attitude da alma para com Deus, de modo que tudo que fazemos, fazemos na consciente cunmunhão com Deus.

Sendo assim, ninguem é competente para julgar da natureza da Oração pelos sentidos, ou pelas qualidades da materia ou das causas materiaes: nem um desses pôde conceber a sua natureza, a sua realidade, a sua esphera e as suas consequências indirectas. A Oração é a experiência psychologica mais elevada que podemos sentir: está fóra do circulo da scienza da materia.

O homem que persistentemente pedir a Deus para que lhe dé bastante intelligencia para escrever um tratado philosophico que rivalise com os de Bacon, Kent ou Malebranche pôde nunca produzir causa igual: mas quem negará que possa dar ao mundo outra causa de marca, senão na philosophia, nas outras sciencias ou nas letras?

Pois não é certo que a inspiração, o entusiasmo, a confiança em Deus multiplica as forças da alma e dá-lhes mais elasticidade, de modo que o espirito atira-se a commettimentos não cogitados anteriormente? Não é certo que a confiança no general é uma das maiores forças que um exercito pôde ter? Pois é difícil acreditar que a alma que se eleva á presença de Deus, que recebe a atmosphera e o estímulo divinos, será mais do que a que se deixa fóra dessas condições?

Uma das razões por que não está mais em voga fazer-se a Oração, é não só a ignorância da sua natureza, mas tambem porque ensina-se que só se deve orar de um modo predeterminado, e a repelição indefinida desta fórmula faz tirar á Oração todo o seu sentido, tudo quanto tem de essencial. E' uma ave que nasceu para voar mas cujas azas se cortaram e só move-se rasteiramente. Assim, vê-se muita gente orar sem saber, sem ter consciencia do que diz, como automato que peinha estar cumprindo um mero dever, sem alegria e muito menos sem amor.

Ora, não devemos condennar as resas ou preces formaes,—longe de nós tal idéa. Mas, excepto nas occasões publicas e solemnes, elles devem ceder ás preces individuaes. Ellas devem ser para nós como as cadeiras em que pomos as crianças que aprendem

a andar. As fórmulas precompostas de Oração podem ser e quasi sempre são excellentes exercícios religiosos que podem trazer grande conforto á alma; mas não respondem ao fim essencial da verdadeira Oração,—desta elevação da alma individual a Deus, deste sacrificio todo pessoal de amor, desta offerta de nossa propria gratidão, feita de nosso proprio modo, desta effusão de nossas emoções cujo perfume reside justamente na sua esponaneidade; deste vôo da alma que não deve ser embarcado ou peado.

O habito de orar só pôde ser animado quando é assim livre, e quando, por conseguinte, pode receber a recompensa occulta que Deus dá a quem, nestas circumstancias, se approxima delle pela fé.

Só com a liberdade e a responsabilidade da Oração perante Deus pôde o homem melhorar-se, purificar-se, divinizar-se, prolongar, por assim dizer, a sua humanidade na esphera eterna.

Oremos, pois, oremos, não por mera rotina, mas conscientemente como quem se apresenta ao seu Creador por Jesus- Christo, áquelle que sabe aquillo de que precisamos antes de lhe pedirmos, áquelle a quem não podemos illudir. Se não sabeis o que dizer, começai balbuciando vosso louvor pelos benefícios recebidos e vossos desejos que seu Espírito vos illumine o vosso coração e a vossa cabeça, e prosegui em humildade, veneração e persistencia e depois me direis se é ou não verdade o que diz Christo: "Pedi, e dar-se-vos-ha; buscai e acha-reis; batei, e abrir-se-vos-ha." (S. Matt. VII 7).

H. WARD BEECHER.

CORRESPONDENCIAS

AÇORES

A carta abaixo transcripta foi dirigida da Ponta Delgada com data de 30 de Agosto ultimo ao Sr. H. Maxwell Wright e por favor especial este nosso caro amigo permitiu-nos a sua publicação.

"Os padres têm pregado muito contra aquella escola de Santa Clara, e têm já casa alugada para estabelecerem uma das suas n'aquelle ponto da cidade, afim de desviarem as creanças da nossa.

"Esteve aqui, de passagem para a America o evangelista Roberto K. Baptista, da missão congregacionalista, entre os colonos portuguezes das ilhas de Sandwich.

"E' um rapaz que mostra ser muito simples e muito espiritual.

"Nos dias que elle aqui esteve, pedi-lhe para dirigir os cultos, e aproveitei a occasião para acompanhar o nosso irmão Raposo e a senhora, n'uma pequena viagem Lomba do João Longão, afim de alli realizarmos alguns ajuntamentos. Chegamos lá no dia 1 do corrente, pelas 2 horas da tarde, e logo n'esse mesmo dia pudemos ter um ajuntamento, com consentimento do nosso bom hospedeiro, o cunhado do Sr. Raposo. No dia seguinte juntou-se muita gente, notando-se verdadeira sêde em algumas almas, que se demoraram alli escutando a Palavra de Deus até depois das 10 horas da noite.

"Satanaz, porém, embraveceu-se, á vista do bom acolhimento que muitas almas estavam dando á mensagem da salvação, e logo no 3º dia quiz perturbar a paz por meio dos seus agentes. Quando eslavamos começando o culto, vimos entrar o padre Augusto e o regedor, á frente d'uma grande multidão e ficando muita gente na rua por falta de espaço no quarto dos nossos ajuntamentos. O Sr. padre assentou-se á minha direita e o regedor ficou de pé, na minha frente.

"Fez-se silencio, e pudemos continuar cantando o primeiro hymno. Depois li o capítulo XV do Evang. S. Lucas, e fiz uma praticasinha, (conforme o Senhor me inspirou), sobre os primeiros versículos.

"Vendo que o povo se tinha mantido em ordem, e até com respeito, pedi para termos uns momentos de oração. Ajoelhei, vindo o padre collocar-se de pé por detrás de mim e soprando. Conheci mesmo que o senhor me estava enchendo da sua paz, e por isso pude orar sem me perturbar nas palavras. Levantei-me e entoamos outro hymno, com o qual conclui, ou antes tive de concluir, porque um individuo se aproximou e pediu para que fosse permitido termos uma conferência, eu e o padre, afim de se saber de que lado estava a verdade; que todos haviam gostado da pratica evangelica, mas que desejavam ouvir tambem o Sr. padre.

"Pude logo perceber que havia um trama, mas não havia maneira de negar a palavra ao padre, o que mesmo seria uma imprudencia da nossa parte. Elle não tinha as Escrituras: dissera dias antes a duas nossas irmãs (a Sra. Maria José e a Sra. M. Rezende) que as que tinha eram em francez, porque gostava muito da lingua franceza.

"O Sr. padre Augusto levantou e começou por fazer a historia do protestantismo lá a seu modo, lançando mil ultrajes á pessoa de Luther. Vendo que o intuito do padre não era uma conferencia, mas sim uma diffamação com o fito de sublevar o povo contra nós, adverti-o cortezmente de que não lhe ficava bem insultar as crenças d'um morto, que não podia responder-lhe, mas que provasse as suas pelas Escrituras. Passou então a fallar da virgem Maria, indigitando-nos como desprezadores da mãe de Jesus. Chamei-o á ordem, e pedi-lhe que mostrasse pelos Evangelhos qual era o ensino que a mesma virgem nos deixára a seu respeito, para saber-se quaes eram os desprezadores. Querendo esquivar-se á resposta, voltou-se para o povo, gritando que nós também não queríamos reconhecer Pedro como cabeça da Egreja e que não criamos nos sacramentos. Disse-lhe que estava prompto a tratar desses pontos, mas que antes ficassemos certos do primeiro de que fallára, e que não quizesse desacreditar-se perante os seus freguezes, fugindo ao assumpto proposto. Nesse momento, o nosso irmão Raposo interveiu, dizendo ao Sr. padre, que lhe parecia que elle nunca tinha lido as Escrituras. Então o padre voltou-se e perguntou-lhe em ar de zombaria se já sabia fazer o seu nome, o que me levou a fazer-lhe nova advertencia, de que não escarnecesse dos que pouco sabem e que se lembrasse que os primeiros discípulos de Jesus foram homens sem letras e pobres pescadores.

"E eu o que sou? perguntou o Sr. padre. — O senhor é o que é, e o que bem está mostrando ser, respondi-lhe eu. Então o senhor padre voltou-se outra vez para o povo, e gritou: — "Estes senhores veem aqui para destruir a Egreja Catholica! Não deem ouvidos!" Espere um instantinho Sr. padre. Se a Egreja catholica romana é obra de Deus, nem eu, nem os meus companheiros, nem o mundo inteiro a pôde destruir; mas se o senhor se teme de que nós umas fracas criaturas, a podemos destruir, é porque conhece perfeitamente que ella não é obra de Deus, e não acha n'ella nenhuma segurança.

"Tive entretanto occasião de me voltar para o povo e de lhe fallar do amor de Deus e da salvação de graça pela fé em nosso Senhor Jesus Christo, único nome que foi dado dos céus á terra, pelo qual nós devemos ser salvos, e o que nunca pude conhecer enquanto pertencí á Egreja Romana, porque isso me foi sempre vedado pela ambição dos homens.

"O padre quiz então negar a veracidade das Escrituras, sobre o que tivemos um pequeno debate, que terminou logo que eu lhe pedi que me mostrasse pelo Novo Testamento do bispo de Cintra, que eu tinha alli, quaes os capitulos dos Evangelicos que elle dizia nós termos deturpados. Pegou no livro, mas não sabendo por onde começar, nem mais que dizer, bradou para o povo em tom ameaçador: "siquem sabendo desde já que a Egreja lança o seu anathema sobre todos os que pegarem em quaequer d'estes livros!" Isto levou-me a fallar-lhe directamente da grande blasphemia que elle acabava de proferir e da terrivel responsabilidade que estava tomando sobre a sua alma, a qual terá um dia de dar contas solemnes de todos aqueles desatinos, se antes não se arrepender dos seus pecados e abraçar a Verdade de Deus, da qual o não podia considerar absolutamente ignorante. O padre não vendo melhor saída despediu-se de mim, e do nosso irmão Raposo, com um abraço, e offerecendo a casa! O Sr. regedor, cujo officio é manter a ordem, não tinha ido alli para isso, como se poderia suppôr. De quando em quando, jogava alguma gracola, com o fim de indispôr o povo contra nós. Numas das vezes que eu fallei algumas palavras que o Senhor me inspirou, disse-me: — "E' pena o senhor não ser canario! Se o fosse e eu tivesse dinheiro comprava-o para o metter n'uma gaiola.

"Isto tinha por fim perturbar a ordem, e provocar alguns gritos subversivos, que por alguns pobres fanaticos ainda chegaram a ouvir-se contra. No meio d'aquella multidão, rompemos entoando o hymno: — "Gloria! gloria! Alleluia!" e em seguida — "Eia avante sempre! Nada de temor!

"A porta, perguntei ao Sr. regedor em nome de quem tinha vindo alli. Respondeu-me que em nome do povo, que não gostava d'aquellas praticas ao que eu lhe objectei: "Não me parece que reine aqui a anarchia, para que o senhor se apresente como autoridácia em nome do povo. Creio que ainda temos um governo constituido e uma carta Constitucional para nos reger, a qual diz que "Ninguem pôde ser perseguido por motivo de religião." Peço lhe que mande dispersar essa turba, e fique sciente que faço o senhor responsável pela minha vida.

" O Sr. padre depois de fallar muito ao povo, na rua, retirou-se, ficando ainda uma grande multidão. A senhora do nosso irmão Raposo, cheia de verdadeira coragem christã, saiu pela porta do quintal sem que dêssemos por isso, e veiu para a rua dar testemunho da sua fé a toda uma grande mó de senhoras e homens que formou em volta d'ella.

" O Sr. Raposo saiu em procura da senhora e lá ficou tambem fallando áquelle gente, e por fim eu, vendo a demora que tinham e não sabendo o que se passava, sahi tambem, formando uma nova roda de gente que nos escutaram com muita attenção dando-nos o Senhor oportunidade de fallar do Evangelho a toda aquella multidão até perto de 1 hora da noite, hora em que entendi dever despedilhos, aconselhando-lhes que fossem descansar para de manhã poderem voltar aos seus trabalhos. Desde logo deliberamos não voltar á cidade no dia seguinte, como tencionavamos, para que não começasssem os inimigos a dizer que tinhamos fugido atemorizados. No dia seguinte, fallamos do amor de Deus a muitas famílias que visitamos, sem que houvesse nenhum incidente notavel; porém no domingo, antes da missa, o padre subiu ao pulpito e tomado para thema a parábola do trigo e a joia, vociferou fortemente contra nós, dizendo ao povo que não nos desse ouvidos, porque se agora lhes fallamos com muitas palavras boas das Escripturas, depois até lhes apresentavamos o demonio, que davamos 30\$000 a cada um que se voltasse para o nosso lado, só com o gosto de perder almas; mas que elle confiava muito no seu povo, que o tinha alli fechado na sua mão, e que sabia bem que era muito competente para arrancar a joia, isto é, para nos correr a acetate! No fim da missa, veiu o regedor, com o povo d'aquella Lomba e da Lomba do Alcaide, e arremetendo para a porta, disse para dentro em tom ameaçador: — " Queiram ter a bondade de vir aqui ao adro da Egreja para terem uma conferencia com o Sr. padre!" Era uma nova cilada de Satanaz! Recusamos sahir dizendo o Sr. Raposo, que viesse o Sr. padre com 12 homens de confiança da authoridade e que n'aquelle mesma casa teríamos a conferencia.

" Fiz sentir ao Sr. regedor que o seu procedimento lhe era muito impróprio, que a porta não se fechava e que só sahirímos da Lomba quando tivessemos meio conveniente de nos transportarmos, porque estávamos ao abrigo da lei. Fallamos áquelle povo desde o limiar da porta, e por fim lá foram dispersando-se, não obstante a insistencia d'alguns fanaticos que nos queriam tirar para fóra. Fomos ainda assim cumprimentados por muitas pessoas que receberam com gosto a Palavra, ficando muitos convencidos da verdade. Peço as vossas orações para que o Senhor abençoe a sementeira".

N'uma nota elle participa que os crentes lá já tem cantado o hymno da A. C. M. " O Pendão Real".

NICHTHEROY

Com dacta de 10 do passado escreve-nos o Sr. Andréade: " Nós vamos indo no meio de muitos perigos, mas o Deus de Israel nos tem guardado. Soube que uma moça da congregação teve um pequeno

ferimento. Das pessoas incredulas muitas tem morrido e outras tem sido gravemente feridas. Algumas vezes quando saíao a vender fazendas tenho ouvido o assobio de balas passando sobre a minha cabeça e então só me resta clamar ao Senhor.

" A pobreza aqui aumenta; hoje fui visitar algumas familias pobres e entregar-lhes as beneficencias remetidas pelos irmãos no Senhor; pelas ruas diversas pessoas me tem pedido esmola e não são as que costumam andar de porta em porta, porém, sim pessoas que noutro tempo tinham em que ganhar o pão.

" Fiquei muito commovido no outro dia quando uma senhora chamou-me pelo nome e chorando pediu-me uma esmola para dar de comer a seus filinhos. Depois que escrevi a ultima carta tenho distribuido cerca de 200\$000 em nome dos crentes pobres.

... Deus tenha misericordia desta cidade que tanto está soffrendo. A cidade está quasi deserta e tem grande numero de predios destruidos."

O nosso prezado correspondente o Rev. Leonidas da Silva, escreve-nos de Nictheroy a 23 do passado:

" Pelas forças de terra, em pleno dia, depois de forte tiroteio que durou algumas horas, foi tomada a ilha de Mocangué que agora está occupada pelas mesmas forças. Foi uma temeridade, mas as forças legaes venceram e dizem-me que alli é um ponto estrategico de grande alcance. Muitas balas tem sido mandadas para Icarahy e Santa Roza, principalmente depois da revolta da ilha das Cobras. Ante-hontem cahiram algumas balas perto de nossa casa e foi um dia de grande consternação para a familia. Os meninos choravam e se escondiam no porão principalmente a filha mais velha que dizia: *Eu bem dizia a papai que não saisse na rua.* Quando cheguei em casa já tinha cessado o bombardeio, nem eu imaginava que elle fosse tão perto.

O culto que tínhamos em minha casa até domingo ultimo foi transferido para a do Sr. Rodrigues, mas não foi possivel havel-o na quinta-feira ultima por causa do bombardeio. Ninguem foi e até a sogra d'elle teve de sahir de casa com recejo de alguma bala, pois lá já tem caído algumas (no morro). A casa onde morava a viúva, junto da casa de oração tem sido muito baleado. Vi outro dia dous ou tres rombos grandes e creio que dentro de casa deve ter causado maior prejuizo. Creio que precisará de grande concerto para poder ser de novo alugada.

Além das reuniões de costume de que lhe falei na minha ultima, tenho visitado e tido reuniões familiares no Porto do Velho, além das Neves e na ilha da Conceição, onde encontrei um velho muito interessado no Evangelho. que conheceu o Dr. Rob. Kalley na ilha da Madeira. Elle parece estar tocado do Espírito. As lagrimas vieram-lhe aos olhos quando cantei o hymno do Sr. Wright: Deixa o Senhor entrar.

Fui a casa do irmão Faria de Souza (na Cachoeira do Macuco). Lá encontrei-o ainda doente. Perdeu dous dedos da mão no trabalho e teve de soffrer amputação. Não me foi possivel ter pregação nesta occasião."

Agradecidos pela resposta ao nosso appello a favor dos crentes necessitados de Nictheroy, abaixo

| | |
|--|------------|
| publicamos as quantias e nomes dos crentes que têm concorrido com o seu obulso para tão nobre fim. | |
| Francisco Monteiro de Araujo..... | 3\$000 |
| Antonio Gomes da Rocha..... | 5\$000 |
| A. Cardoso da Fonseca..... | 2\$000 |
| Irmão em Jesus..... | 20\$000 |
| Igreja de Dous Corregos..... | 33\$000 |
| Dous anonymos..... | 7\$000 |
| Henrique Jardim..... | 2\$000 |
| Rev. Manoel Menezes e outros..... | 13\$000 |
| Thomaz Placido de Farias..... | 10\$000 |
| Uma familia de S. João do Rio Claro..... | 2\$000 |
| Rev. Felippe R. de Carvalho e outros de Ubá..... | 40\$000 |
| Rev. J. W. Tarboux..... | 10\$000 |
| Pedro Degiovani..... | 50\$000 |
| Anonymo..... | 1\$000 |
| Casimiro José Alves..... | 2\$000 |
| Igreja da Faxina, S. Paulo..... | 21\$000 |
| Igreja de Sengó, pelo Rev. Manoel de Menezes..... | 19\$300 |
| Mrs. S. P. Kalley..... | 231\$320 |
| Barbosa & C..... | 10\$000 |
| Luiz Ferreira Barbosa..... | 2\$000 |
| José Manoel Gonçalves Pereira..... | 10\$000 |
| Joaquim Esteves Ribeiro..... | 5\$000 |
| Domingos Antonio da Silva Oliveira..... | 5\$000 |
| Romualdo Ferreira Rogerio..... | 2\$000 |
| A. P. de Oliveira..... | 1\$000 |
| J. B. R..... | 10\$000 |
| M. A. Clark..... | 10\$000 |
| H. C. Tucker..... | 10\$000 |
| A. S. Caldas..... | 5\$000 |
| A. F. Braga..... | 5\$000 |
| C. F. Braga Junior..... | 2\$000 |
| M. F. Braga..... | 2\$000 |
| L. F. Braga..... | 2\$000 |
| A. Campos..... | 2\$000 |
| José Maia..... | 5\$000 |
| L. C. Irvine..... | 20\$000 |
| João M. Pacheco..... | 2\$000 |
| Jorge F. Rabello..... | 5\$000 |
| Anonymo..... | 20\$000 |
| Rodolpho Souza Pinto..... | 10\$000 |
| Manoel Dias Funchal..... | 10\$000 |
| Igreja S. Bartholomeu de Cabo Verde.. | 50\$000 |
| Agenciado pelo Alírs. Francisco de Salles Ramalho Pinto no Bom Sucesso Minas Total das quantias publicadas no ultimo numero..... | 73\$000 |
| Somma..... | 1.278\$320 |

ERRATA. — Com a pressa com que foi revisado o numero passado escaparam muitos erros que a benevolencia do leitor nos relevará, cumpre-nos porém notar o seguinte: na subscricao de Nictheroy, onde se lê 143\$000 contribuição da Igreja de Botucatú leia-se 143\$500 e onde se lê 10\$000 contribuição de Eduardo de Andrade leia-se 10\$500, no entanto a somma acha-se correcta.

PORTUGAL

O Sr. M. S. Carvalho, de Lisboa, escreve:

“Os Jesuitas, aqui, esperam tirar grande partido da victoria de Custodio José de Mello, como seu agente, no desempenho de suas machinações.

“Em Setubal como não puderam levar a sua avante com o processo contra mim, alaram-se com os anarquistas, planejaram fazer voar a casa de oração pelos ares por meio de dynamite.

“Ha aqui um jovem estudante cujos pais tinham grande empenho em que elle se ordenasse padre, tendo lido alguns jornaes e livros evangelicos, decidiu não seguir aquella carreira, e dedicar-se a seguir a Nosso Senhor Jesus Christo.“ Deus seja louvado.”

NOTICIARIO

A Revolta.— Esperavamos como festas de Anno Bom, brindar os nossos leitores com a agradabilissima notícia, da terminação da revolta, que ha quatro longos meses transtorna completa e profundamente a vida do paiz inteiro.

Infelizmente não o pudemos fazer; porém esperamos sinceramente que o faremos no proximo numero.

Os factos mais importantes que se passaram ultimamente em relação, ao assumpto, e verificados, são: — a tomada e artilhamento pelas forças do governo das ilhas do Governador, Bom Jesus, Mocanué Grande, e d'Agua; a ocupação da ilha das Cobras pelos revoltosos; e a formação da esquadra do governo, composta de 15 a 18 vasos de guerra que se acha ancorada em portos do Brazil.

Temos a notar a protecção de Deus sobre os seus filhos, pois que até hoje ainda nenhum crente morreu ou foi ferido, tanto na Capital como em Nictheroy.

E' motivo para lhe darmos muitas graças,

Já cahiram balas na Igreja Fluminense, na Igreja Presbyteriana, na Associação Christã de Moços (que tem á mostra os estilhaços) e em casa de diversos irmãos, sem que felizmente causassem danos.

No domingo, 31 do passado cahiram algumas balas na casa de oração da Ig. Evangelica Fluminense durante o culto ás 7 horas da tarde, causando um panico entre os assistentes e algum estrago no telhado. Pelo damno causado cremos que foi uma lanterna que arrebatando espalhou as balas pelo telhado.

No dia 12 entrou o encouraçado *Aquidaban* debaixo do fogo das fortalezas

Continua o tiroteio forte para a cidade especialmente á noite, pondo em sobresalto as familias.

Será inaugurada a 2^a. Egreja Evangelica Presbyteriana do Rio de Janeiro que se denominará Egreja Presbyteriana do Riachuelo no dia 21 do corrente durante a estada dos membros do Presbyterio cuja primeira reunião teve lugar no dia 12. A casa de oração está situada na rua de D. Anna Nery 234 na Estação do Riachuelo.

O cargo de pastor seirá exercido pelo Rev. J. B. Rodgers.

Falleceu no dia 4 do corrente o Sr. Manoel da Silva Neves, membro da Egreja Evangelica Fluminense.

O Sr. Francisco de Souza Jardim, —acha-se gravemente doente em Passa Trez. Ha pouco o Sr. Martins foi visitá-lo e disse-nos que acha-se um poucochinho melhor.

Oremos a Deus por este incansavel trabalhador do evangelho, um dos *pioneiros* colportores do Brazil.

Na Igreja Evangelica Fluminense, —foi baptizada e recebida como membro a Exa. Sra. D' Guilhermina Jordão, no domingo 7 do corrente.

Pedimos a Deus Nossa Senhor que sempre a acompanhe e que a guie em tudo que tem de fazer.

Chegou de Juiz de Fora o Sr. Jeronymo T. de Souza e tenciona partir para Nova Orleans no vapor *Flaxman*.

Partiu para Petropolis onde tencionam residir algum tempo, o Rev. J. B. Rodgers e sua familia. No entretanto o Rev. Rodgers não deixará de tomar conta do serviço de culto no Riachuelo e para isso virá para a Capital nas vesperas dos dias de cultos.

H. M. Wright. —Vimos uma carta datada de Londres a 13 do passado, que nos transmite as seguintes animadoras notícias acerca deste nosso querido irmão.

O medico tem-no achado melhorando muito e ultimamente examinando a ferida notou que está sarando e progredindo consideravelmente. E' certo que Deus tem ouvido as orações dos irmãos.

No meio desta enfermidade deu-se um facto muito interessante — a conversão da enfermeira. No dia do aniversario natalicio (7 de Dezembro) do nosso irmão, elle teve uma conversa séria com a enfermeira ácerca da salvação da alma, ella ficou muito commovida. No dia seguinte á tarde (sexta-feira) teve outra conversa e pediu-lhe que lesse algumas passagens da Escritura. No sabbado á noite um pouco antes de começar a reunião de oração que costumam ter no salão, a enfermeira para lá foi, disse ella dar graças a Deus, por ter achado o Senhor ou antes por tel-a o Senhor achado. Tinham pedido a Deus que convertesse aquella alma como signal de alegria no dia dos seus annos e Deus ouviu.

Crêmos que Deus estava acrisolando o ouro no fogo afim de servir-se d'ella d'un modo especial.

Por outra carta soubemos que elle cada dia vai ganhando mais forças.

Devemos dar muitas graças a Deus por ter ouvido as nossas orações e pedir-lhe que o restabeleça breve afim de recomeçar o seu trabalho.

Formou-se ha poucos meses em Londres uma nova instituição denominada — *Livingstone College* — para a educação medica de Missionários para o Estrangeiro.

Os estudos já começaram com 14 estudantes em uma casa de Dr. H. Grattan Guinness junto ao Collegio Harley House.

N'esta casa estarão até que o conselho ache uma casa propria. Dos estudantes tres são Missionários que já estiveram em campos estrangeiros. O fim

do *Livingstone College* não é formar medicos diplomados, mas é dar uma instrução scientifica e practica de medicina em um curso de dez meses, de maneira que o Missionário adquira conhecimentos úteis para si proprio e outros em seus campos de trabalhos onde, muitas vezes, é difícil de encontrar-se medico formado. Os estudantes attendem diariamente a preleções e ensino pratico em diversos Hospitaes de Londres. O corpo medico e muitas Sociedades Missionarias, a Imprensa e quasi todos os Christãos aqui receberam esta idéa muito bem e tem manifestado muita sympathia para com ella.

Chegada. — Chegou da Europa, em fins do mes passado, aonde tinha ido por motivo de molestia, o nosso irmão Rev. Antonio Trajano, Pastor da Igreja Presbyteriana. Volta com algumas melhorias, apoz uma longa ausencia de 8 meses, do Brazil e da tribuna sagrada, onde se fez sentir a falta de sua palavra eloquente e instructiva. Esperamos em breve, vel-o subir de novo, ao pulpito da Igreja.

Falecimento. — Fomos surprehendidos pela noticia do falecimento do nosso irmão Sr. Tristão Ramos da Silva, membro da Igreja Presbyteriana do Rio, no dia 29 de Novembro passado, vítima de uma congestão cerebral.

Nossos pezamos a familia.

Chegou —da Inglaterra o nosso irmão Sr. Jorge Clark.

Partiram — para o Rio da Prata no dia 2 do corrente a bordo do *Magdalena* o Dr. J. G. Rocha e sua senhora onde tencionam demorar-se uns trez meses.

O Collegio Americano de Taubaté — fundado pelo Sr. Keneddy, entrou no seu 5º anno de existencia. Temos em mão um prospecto que apresenta o corpo docente para o corrente anno lectivo bem como diversos melhoramentos ultimamente introduzidos.

Ha pouco tempo regressou dos Estados Unidos da America o Sr. Keneddy com a sua familia para aonde tinha ido ha uns 17 ou 18 meses e ficará á testa do collegio com a sua senhora.

Com tão bons auspicios diante de si esperamos que o collegio prosperará ainda mais do que tem prosperado até agora.

Descoberta archeologica. — O correspondente do *Standard*, na Grecia, affirma que o director do Instituto Archeologico Allemão em Athenas, o Sr. Döeropeld, julga ter descoberto nas escavações de Issarlík, feitas ás expensas da viúva Schlieman, a verdadeira cidade homérica de Troia. A sua colocaçao era na sexta camada e não na segunda, como anteriormente suppunha com o proprio Sr. Schlieman. Exhumou numerosos objectos datando da época myceniana, como diversos edificios e forte dos baluartes da cidade.

As investigações serão continuadas até Abril proximo, á expensas do Governo Allemão.